

## **A TEORIA E A PRÁTICA DA CLÍNICA**

Ana Lúcia Francisco<sup>1</sup>

### **Resumo:**

A partir de reflexões acerca do projeto científico da modernidade e dos impasses vividos em diferentes campos do saber, decorrentes, em parte, da absorção, muitas vezes não - crítica deste projeto, buscou-se pensar o lugar e o papel da clínica na contemporaneidade. Refletir sobre este campo problemático nos parece de especial importância, na medida em que a Psicologia se constituiu como ciência independente, no bojo dos princípios que deram sustentação a este projeto, princípios que, em muitos aspectos, estão implícitos e explícitos em diferentes teorias e práticas psicológicas. Como um referencial de análise, realizamos uma pesquisa de campo, procurando compreender, a partir da demanda de atendimento de uma clientela adulta, os sofrimentos psíquicos mais freqüentemente relatado por estas pessoas e os referenciais técnicos e teóricos de que dispunham estagiários e supervisores face a estes sofrimentos. Apesar de pertencerem a diferentes abordagens teóricas, foi interessante perceber, o papel atribuído à escuta no fazer clínico e a necessidade de uma visão interdisciplinar que dê suporte aos sofrimentos que se apresentam na contemporaneidade, que, em última análise revelam que o que está em jogo, hoje, são as relações do sujeito com a cultura, com o outro e com o seu corpo.

### **INTRODUÇÃO**

É sabido que revisões paradigmáticas vem sendo objeto da grande maioria das ciências, processo que, em alguns campos do saber, já se mostra bastante avançado; entretanto, não obstante todos os esforços neste sentido, parece-nos que, no que diz respeito às chamadas ciências humanas, e, em particular, à psicologia, esta tarefa é relativamente recente e, portanto, parece ainda não ter alcançado o vigor que lhe é necessária.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Clínica; Professora do Departamento de Psicologia - Graduação e Pós-graduação - da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Talvez, mais do que em qualquer outro campo da ciência, aqueles que se ocupam do humano e de suas diferentes formas de habitat, tenham como característica principal a historicidade, a temporalidade e, por desdobramento, a permanente contextualização. Se como diz Boaventura de Souza Santos “vivemos numa sociedade intervalar”, tanto em suas formas de organização quanto na maneira de conceber o conhecimento, parece-nos fundamental que problematizemos como, na contemporaneidade, o homem vem criando, inventando formas de estar no mundo, tendo como referência a experiência acumulada, mas em permanente articulação aos novos conhecimentos, aos acontecimentos e por que não dizer, às verdadeiras revoluções científicas e sociais que vimos assistindo a partir dos 3 últimos séculos.

No campo da Psicologia, e mais especificamente, da Psicologia Brasileira, é sabido existir uma certa cultura de importação de modelos teóricos e técnicos, bem como uma certa aplicação destes, muitas vezes sem contextualização histórica e espacial. Talvez, esta forma de pensar e trabalhar o que chamamos de “psicológico”, se expresse na desagradável sensação da maioria dos psicólogos da pouca articulação entre a teoria e a prática. Ademais, pela própria constituição da Psicologia como campo do saber, esta se mostra dispersa em seu corpo teórico, dispersão que lhe é inerente, mas que, também, aponta para uma permanente interdisciplinaridade, que, ao nosso ver, nem sempre é objeto de atenção e consideração. É relevante assinalar que, embora não haja consenso acerca do que seja “o psicológico e de como produzir sobre ele um conhecimento válido” (FIGUEIREDO, 1995, p.90), sabemos que nossa problemática se insere no campo das subjetividades. Se entendermos que “a subjetividade individual resulta de um

entrecruzamento de determinações coletivas, de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc” (GUATTARI E ROLNIK, 2000, p.34), num permanente processo de mútua afetação, a psicologia, sobretudo a clínica, inevitavelmente se depara com o fato de que os sofrimentos psíquicos e as dinâmicas que lhe estão implícitas, não só são historicamente datados, mas reveladores das estratégias existenciais para dar conta de um modo de subjetivação próprio da contemporaneidade.

O presente trabalho situa-se, portanto, neste contexto. Ele pretende colocar em discussão os princípios que norteiam a teoria e a prática da clínica tomando como referência o projeto científico da modernidade para, a partir daí, problematizar, face às novas configurações que os sofrimentos psíquicos parecem apresentar, a pertinência destes princípios no exercício da clínica.

Para a consecução do objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de campo, em uma clínica - escola vinculada ao Departamento de Psicologia de uma Universidade particular, procurando-se mapear, através da clientela adulta que recorre aos serviços da clínica, quais os motivos de procura mais freqüentes (queixas), bem como compreender, junto aos supervisores e estagiários responsáveis pelos serviços, os referenciais teóricos que subsidiam as suas práticas profissionais, dados que serão apresentados e discutidos no corpo deste trabalho.

Espera-se que este estudo possa contribuir para a construção de uma clínica em que a teoria e a prática possam ser sistematicamente problematizadas, bem como propor possíveis olhares e fazeres que possam dar suporte aos novos sofrimentos psíquico que já se delineiam na contemporaneidade: estados depressivos, dificuldades de relacionamento

conjugal e familiar, transtornos da sexualidade e outros, tal como apontado na pesquisa elegida como referência de campo.

## **DESENVOLVIMENTO<sup>2</sup>**

O projeto da modernidade surgiu como uma “luz ao final do túnel” e previa um equilíbrio entre o social e o capital em seus pilares fundamentais: a Regulação e a Emancipação. O pilar da Regulação seria regido pelo princípio do Estado, do Mercado e da Comunidade. Por sua vez, o pilar da Emancipação pretendia articular a racionalidade moral - prática do direito moderno com a racionalidade cognitivo-experimental da ciência e a racionalidade técnico-expressiva das artes. Porém, nem tudo (ou quase nada) caminhou conforme o esperado. No pilar da Regulação o princípio do mercado desenvolveu-se excessivamente em detrimento dos seguintes. No pilar da Emancipação, a racionalidade cognitivo-experimental da ciência é que ganha destaque, em detrimento do direito e das artes. A Revolução Industrial e o incremento do Capitalismo são exemplos de fatores que influenciariam o Projeto da Modernidade, abalando suas estruturas, engendrando contradições, contribuindo para a sua corrosão.

Os desequilíbrios surgidos a partir da desestruturação de tal projeto, favorecem a dificuldades que, segundo Boaventura (1996) exigem soluções fundamentais. Estas dificuldades, segundo o autor, são basicamente três: quanto ao sujeito, à temporalidade e ao inimigo.

A dificuldade quanto ao sujeito é percebida através da exarcebação do consumismo, do individualismo e da transferência das responsabilidades do

---

<sup>2</sup> Escrito com a colaboração da aluna do PIBIC Janne Freitas de Carvalho.

público para o privado. Segundo Jurandir Freire Costa (1994), público e privado foram homogeneizados na visibilidade publicitária. Na cultura do consumo, ou da “realidade dos objetos”, só um valor tem primazia, o valor do mercado; só uma realidade existe, a do objeto-mercadoria, que existe enquanto dura sua visibilidade. “Em vez de sujeitos morais, o que há são agentes de histórias únicas, manequins de sentimentos em série, programados para repetirem as mesmas vozes e os mesmos desejos” (COSTA<sup>3</sup>). As dificuldades, enfim, se confundem, tornando-se invisíveis ou, se visíveis, trivializadas.

Quanto à temporalidade, Boaventura<sup>4</sup> afirma que hoje os problemas, e, conseqüentemente suas soluções, estão na esfera do curto prazo, do pensar rápido e do imediato regidos por um pequeno grupo dominante, que promove a compulsão do consumo imediatista e o imediatismo da luta pela sobrevivência. “As condições e os sujeitos do pensamento estratégico, de longo prazo, parecem cada vez menos presentes no sistema mundial<sup>5</sup>”.

A terceira e última dificuldade levantada por Boaventura diz respeito à identificação do inimigo em questão. Segundo o autor, “a globalização dos problemas globaliza o inimigo e se o inimigo está em toda a parte, não está em parte alguma<sup>6</sup>”. O inimigo deve, então, ser procurado em múltiplos lugares.

Seguindo a linha de raciocínio do autor, quatro axiomas da modernidade podem estar na base dos problemas até então levantados. O primeiro diz respeito à hegemonia que a racionalidade científica veio a assumir e consiste na transformação dos problemas éticos e políticos em problemas técnicos. Quando tal transformação não é possível, estes são transformados em

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 141.

<sup>4</sup> Op. cit.

<sup>5</sup> Ibid., p. 320.

<sup>6</sup> Ibid., p. 321.

problemas jurídicos. O segundo axioma refere-se ao individualismo possessivo promovido por uma postura psicológica e ética regida pela cultura consumista. O terceiro é o axioma da soberania do Estado e da obrigação vertical dos cidadãos. O último refere-se à crença no progresso através do desenvolvimento econômico, tecnológico e pela ampliação das relações. Estes axiomas moldaram a sociedade e criaram uma epistemologia e uma psicologia equivalentes. O Projeto da Modernidade, tanto epistêmico quanto de organização social, previa diretrizes que se dispersaram a partir dos sinais de corrosão interna do projeto.

O paradigma vigente (= dominante), criado a partir das concepções modernas, tende a minimizar a perspectiva sobre o futuro, criando uma lacuna, um vazio, que não pode ser preenchido nem pelo passado nem pelo presente. “Com o colapso da emancipação na regulação, o paradigma da modernidade deixa de poder renovar-se e entra em crise final” (BOAVENTURA, 2000a, p.15).

Segundo Figueiredo (1996), o projeto epistemológico moderno que se fundou na tentativa de reordenar o mundo desordenado, pela tradição do novo trazido pela modernidade, foi a trajetória de Descartes de converter a dúvida cética na dúvida metódica. Teve, também, por meta, descobrir fundamentos firmes e absolutamente indiscutíveis sobre os quais produzir conhecimento verdadeiro. Ainda conforme o autor, para se contrapor a essas idéias, surgem as matrizes de pensamentos na psicologia, as quais questionam a crença na universalidade e na objetividade, mas ao mesmo tempo são reguladas por essas idéias.

A psicologia, enquanto ciência, nasce opondo-se ao projeto epistemológico moderno, mas se deixa por ele regular, tornando-se, “um espaço de dispersão do saber”. Neste sentido, ao mesmo tempo em que conserva alguma unidade, a Psicologia abriga uma pluralidade, aparentemente caótica de ocupantes: “refiro-me obviamente, aos diferentes e muitas vezes antagônicos sistemas psicológicos<sup>7</sup>”.

Isto fica muito claro quando surge a proposta da Psicologia enquanto ciência, a qual deixa de lado seu objeto (a alma) e seu método (introspectivo), para corresponder aos padrões da política da certeza com a psicologia experimental. Esta terá seu método (o experimental) e objeto (o comportamento observado) próprios, na tentativa de tornar a Psicologia ciência, mas uma ciência da universalidade, ciência moderna, que corresponderia a uma ciência natural. Não houve um corte epistêmico na caminhada feita anteriormente. A partir de então, os saberes psicológicos surgem, produzindo diferentes regiões do saber, cada uma com seu “paradigma”.

Segundo Boaventura (2000a), só há uma solução para questões desta natureza: reinventar o futuro abrindo um novo horizonte. Instaura-se uma fase de transição, de crises paradigmáticas, epistemológicas, social, política e cultural. Nesta reinvenção, ele propõe um novo paradigma emergente, com novos caminhos relacionados a todos os campos do saber, que ele próprio designa como sendo um “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente<sup>8</sup>”. Antes de ser um paradigma estabelecido, estes novos princípios contem fragmentos característicos de um processo de transição, ou

---

<sup>7</sup> Ibid., p. 72.

seja, não podem ser determinados, classificados. Ainda segundo o autor, “há um conjunto de ‘vibrações ascendentes’ de fragmentos pré-paradigmáticos que têm em comum a idéia de que o paradigma da modernidade exauriu a sua capacidade de regeneração e desenvolvimento (...)”<sup>9</sup>. Não podemos definir, a *priori*, os caminhos que serão seguidos, quais os passos, a estruturação deste novo pensamento. Os conflitos já estão emergindo a olhos vistos e não podem mais ser ignorados.

Aliado ao paradigma emergente, ressurge o pensamento utópico como possibilidade de repensar profundamente a realidade e os paradigmas vigentes. “O que é importante na utopia não é o que ela diz sobre o futuro, mas a arqueologia virtual do presente que a torna possível (...) Arqueologia virtual porque só interessa escavar sobre o que não foi feito e por que não foi feito, ou seja, por que é que as alternativas deixaram de o ser”<sup>10</sup>. Assim, o autor propõe um deslocamento radical em um mesmo lugar, saída do centro para a margem, a fim de verificar o que o centro excluiu para ser centro e ter dele uma visão diferenciada.

Os conflitos surgidos a partir da diferença entre o paradigma dominante e os princípios emergentes têm se mostrado bastante evidentes nas áreas do conhecimento e da subjetividade. Partindo do princípio de que toda produção de conhecimento é autoconhecimento, tais conflitos desdobram-se em epistemológicos e psicológicos, entre subjetividade moderna e pós-moderna.

Para o paradigma dominante (moderno), a ciência é uma prática social específica, intemporal, na qual a verdade pode ser determinada e, a partir daí, serem possíveis previsões futurísticas. Desde esta perspectiva, o

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 16.

<sup>9</sup> Id., 1996, p. 327.

conhecimento só é garantido a partir de uma visão vertical, pela qual quem privilegia os campos específicos (especialidades) é quem tem vez e voz.

Rompendo com este tipo de compreensão fechada e limitada dos campos do saber, Boaventura (2000b) propõe uma compreensão hermenêutica que, aliada ao paradigma emergente, vem para transformar o discurso frio da ciência tipificante em um discurso acessível; em uma compreensão sem ruptura que emerge a partir do social em seu próprio benefício. Neste sentido, o autor afirma que “a reflexão hermenêutica visa transformar o distante em próximo, o estranho em familiar<sup>11</sup>”. Assim, as relações, que diante do paradigma vigente, se dão na esfera do EU – COISA (onde o outro é um objeto de consumo descartável), no paradigma emergente, sob a visão hermenêutica, transformam-se em relação EU - TU, EU – NÓS.

Neste novo pensamento, assume-se a incompletude dos conceitos, a fim de minimizar as contradições surgidas a partir da prática racionalista. Práticas sociais alternativas são buscadas para romper com tal racionalidade, produzindo também conhecimento alternativo, em todas as áreas do saber. Esta é uma condição *sine qua non*, porque garante a igualdade do discurso argumentativo, a partir de princípios éticos que privilegiam a dignidade humana.

Nesta perspectiva, Figueiredo<sup>12</sup> propõe, para a Psicologia, uma epistemologia fraca, cuja tarefa estaria limitada à elucidação das condições de possibilidades das diferentes teorias, procurando nessas condições os seus pressupostos implícitos. A partir daí, seria possível introduzir uma certa ordem

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 324.

<sup>11</sup> Ibid., p. 12.

<sup>12</sup> Op. cit.

ao caos aparente. Esta ordem apareceria no desenho formado pelas matrizes de pensamento psicológico, a partir das quais são engendrados as teorias e os sistemas hoje disponíveis; a partir dessa ordem, seria possível re-agrupar e confrontar teorias, descobrindo, por exemplo, entre elas, afinidades insuspeitáveis e oposições imprevisíveis.

Com tantas diferenças, vazios substanciais, crises de saberes, crises subjetivas e epistemológicas... eis que também surge a necessidade de uma nova psicologia que garanta uma nova possibilidade de ser para o ser. Uma nova construção subjetiva faz-se necessária, permeada por possibilidades, articulações particulares, verdades variáveis de contexto para contexto, produtora de sentidos cartografados na historicidade do sujeito e na relação de alteridade. Esta certamente não é uma tarefa fácil de ser empreendida e executada; a luta pelo paradigma emergente avança à medida que as subjetividades o adotam como princípio de razão prática.

Segundo Denise Najmanovich (1996), a condição de alteridade, ou seja, a relação entre o sujeito e a cultura, entre o sujeito e seu corpo, entre o sujeito e os outros, está igualmente em crise. As rupturas criadas pelo pensamento racional do modelo científico também produzem rupturas subjetivas que abalam a estrutura do sujeito, criando limites e fronteiras absolutas. Este pensamento, limitado pela crença numa realidade e verdade universais, impede novas formas de significação e de busca por novos sentidos, “esmagando” a criatividade e a possibilidade de expressão do sujeito.

Deslocado da sua condição singular e heterogênea (porque possibilita a mutação, a criatividade e a transfiguração), o sujeito do nosso tempo chega à clínica em busca de novos lugares, banhado pela diferença e pelo caos, numa

tentativa de encontrar novos sentidos. “O sujeito racional e científico estava separado do sujeito emocional, que deseja e que vive. Sob o império dessa polaridade ficamos perplexos entre um sujeito sem subjetividade e uma subjetividade sem sujeito<sup>13</sup>”.

Segundo Rolnik (1994) a clínica exige um posicionamento direcionado para o paradigma estético. Paradigma estético porque possibilita a produção de sentidos e a capacidade de fazer escolhas. Diante de tais possibilidades, a autora afirma que o sujeito pode encontrar um caminho de forma a responsabilizar-se pelos seus atos (assumindo uma atitude ética) e encontrar uma forma de viver e de arriscar-se, de firmar sua existência, o que envolve uma atitude política. Desta forma, o ato clínico é ético, estético e político, porque, segundo esta autora, possibilita pensar a existência como um permanente processo de construção. Assim, a clínica psicológica se define como possibilidade de escuta da diferença, da sustentação das tensões e dos conflitos e, ainda, como abertura para a criação e re-criação de sentidos.

O psicólogo encontra, então, uma difícil tarefa a realizar: conceber a Psicologia de forma intermediária e interdisciplinar, como dizia W. Wundt, um dos pioneiros da Psicologia. Segundo Figueiredo<sup>14</sup>, é neste ponto que a Psicologia se insere, no *entre* das outras disciplinas, ou seja, “uma disciplina entre as outras disciplinas” (p. 79). Esta posição, segundo o autor, é instável e jamais será cômoda.

Nesta perspectiva, o caminho da Psicologia e, conseqüentemente, do psicólogo é buscar as relações interdisciplinares, perpassar pelo conhecimento de forma horizontal, abrir novas possibilidades, porém sem perder-se em suas

---

<sup>13</sup> *ibid.*, p. 69.

bases, sem deixar-se levar como um “barco sem leme”. “Na condição de uma disciplina interdisciplinar, a Psicologia deveria ser capaz de atravessar e ser permanentemente atravessada por outros saberes<sup>15</sup>”.

Desde este referencial, pode-se dizer que as práticas psicológicas se constituem como métodos de aproximação, compreensão e de intervenção junto ao sujeito, individual e coletivo, buscando abrir através destas ações, espaços de trocas onde a produção de sentido poderá ser compartilhada ou mesmo criada.

De acordo com Figueiredo<sup>16</sup>, embora não haja uma compreensão partilhada do que é o objeto de estudo do psicológico, há a clareza de que o trabalho dos profissionais dessa área é voltado para as manifestações psíquicas da subjetividade. Para Rolnik<sup>17</sup>, a subjetividade é produzida por um campo de forças, dos mais diferentes níveis, que nos afetam e que proporcionam a afetação dos corpos. Este campo de forças seria configurado pelos processos de subjetivação (familiar, cultural, econômico, mídia, informática, etc.), estando tais processos em permanente conexão e desconexão, formatando as figuras de subjetividade (modo de ser, de agir e de pensar, assim como os valores). Por sua vez, as figuras de subjetividade estão sempre sofrendo estremecimentos e, com isto, modificando-se.

Como sujeito e cultura são indissociáveis, os sofrimentos psíquicos chegados à clínica demonstram as estratégias existenciais que os sujeitos estão utilizando para tentar dar conta de modos de subjetivação que se

---

<sup>14</sup> Op. cit.

<sup>15</sup> Ibid., p. 83.

<sup>16</sup> Op. cit.

<sup>17</sup> op. cit.

delineiam na pós-modernidade, excessivamente marcada pela cultura narcísica e pela sociedade do espetáculo.

Na busca de compreensão destes sofrimentos, realizou-se uma pesquisa cujo objetivo foi o de mapear o que leva a maioria dos indivíduos adultos a procurar os serviços de uma clínica-escola, bem como o de fazer um levantamento dos principais recursos teóricos e técnicos utilizados pelos profissionais para dar suporte a estes sofrimentos.

## **RESULTADOS: DISCUSSÃO E REFLEXÕES**

Os clientes adultos pesquisados encontravam-se numa faixa etária entre 19 a 55 anos de idade. O mapeamento dos sofrimentos psíquicos por eles relatados apoiou-se na ficha de recepção preenchida no momento da primeira entrevista, também chamada de triagem, ocasião em que se procura colher informações referentes ao motivo da procura pelos serviços da clínica e, de forma geral, dados sobre a vida destas pessoas. É importante ressaltar que os clientes recepcionados poderiam relatar mais de uma dificuldade, caso fosse necessário, sendo que todos os dados foram considerados. Também é relevante contextualizar que este mapeamento foi realizado durante o período de agosto a dezembro de 2000, trabalhando-se com 44 fichas de recepção e, durante o ano de 2001, com 96 fichas, perfazendo um total de 140 prontuários. A coleta dos dados foi realizada como parte de uma pesquisa desenvolvida através do Programa Institucional de Iniciação científica (PIBIC), tendo a colaboração de três alunas bolsistas<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Janne Freitas de Carvalho; Juliana Sarmento Martorelli; Fernanda Cristina Ferraz Cavalcanti.

O que se pôde observar através dos resultados é que os Sofrimentos Psíquicos mais freqüentemente trazidos pela clientela, que busca os serviços da clínica, dizem respeito a: dificuldade de relacionamento familiar (18%), dificuldades nas relações interpessoais (16%), estados de ansiedade (13%) e estados depressivos (10,5%), não havendo variações significativas quanto ao sexo da clientela; no entanto, nas queixas relativas aos estados depressivos, nota-se um pequeno aumento de freqüência no sexo feminino, enquanto os estados de ansiedade são mais expressos pelo sexo masculino. Também foram apontados, ainda que em menor relevância, sofrimentos relativos a transtornos do sono e instabilidade de humor (4%), insatisfação ou inadaptação profissional, transtornos na área da sexualidade, transtornos psicossomáticos e histéricos, com um mesmo percentual (3,5%), transtornos fóbicos ( 2,5%) e dificuldades na escolha profissional (2%).

Estes dados parecem refletir as considerações trazidas por Najmanovich (1996, p.67) quando afirma que na medida em que o homem contemporâneo vê-se frente a aceleradas transformações, às quais ele precisa responder, o que está em jogo hoje, é “a relação entre o sujeito e a cultura, entre o sujeito e seu corpo, entre o sujeito e os outros”.

De fato, ao considerarmos os modos vinculares que vêm sendo estabelecidos em nossa sociedade, claramente caracterizada por um exacerbado individualismo, consumismo, competitividade e necessidade de reconhecimento publicitável, pode-se dizer que o que está em jogo é a relação e a aceitação da alteridade. O outro, não mais visto como um outrem com quem se possa compartilhar, não é percebido em sua singularidade e diferença, mas apenas como objeto de consumo descartável. Assim, quer no

seio da família, que já experimenta espanto e desalojamento frente às suas novas configurações, quer no estabelecimento de relações possibilitadoras de trocas, o que se vivencia é uma ruptura de sentidos, um grande sentimento de solidão, muitas vezes expressos em estados depressivos e/ou de ansiedade. Além disso, pode-se pensar que co-existir em um mundo em mutação requer um permanente questionamento acerca dos lugares que ocupamos, de nossas formas de produção subjetivas e objetivas, configurando-se a clínica como um espaço privilegiado de escuta e de sustentação das tensões e conflitos decorrentes do sentimento de que já não somos mais o que éramos e ainda não temos clareza do que está por vir.

Objetivando compreender como a clínica se coloca frente a estas experiências, procuramos também ouvir profissionais e estagiários que atuam na clínica-escola objeto desta pesquisa, questionando-os acerca dos referenciais teóricos e técnicos que utilizam para dar suporte a estes sofrimentos. Foram entrevistados nove estagiários, escolhidos de forma aleatória em um universo de 26, supervisionados por profissionais de diferentes abordagens, tais como a analítica, a fenomenológica-existencial e a centrada na pessoa. No que diz respeito à escolha dos profissionais, foram ouvidos 11 supervisores e técnicos, constituindo-se a maioria da equipe que trabalha na clínica, também com diferentes abordagens teóricas.

O que se pôde compreender através da fala, tanto dos estagiários como dos profissionais, é que, independente da abordagem teórica que lhes serve de referência, todos eles, sem exceção, apontaram a escuta como o principal recurso no exercício da clínica, ressaltando-se, também, a importância da supervisão e da interlocução com outros profissionais. Parte dos profissionais

entrevistados abordou o caráter pluralista da clínica, considerando-se a complexa rede de relações na qual se tece a existência humana.

Finalmente, cabe lembrar as reflexões trazidas por Figueiredo (1995, p.40) ao questionar acerca da especificidade da clínica: “ A clínica define-se, portanto, por um dado ethos: em outras palavras, o que define a clínica psicológica como clínica é a sua ética: ela está comprometida com a escuta do interditado e com a sustentação das tensões e dos conflitos”. Concomitantemente, somos levados a pensar sobre o importante papel da fala: de uma fala que ao se falar se apresenta e nesta presentificação, ao mesmo tempo, compreende, significa, reconstrói, desconstrói e constrói territórios existenciais.

Retomando, ainda, Figueiredo, vale lembrar que “talvez o clínico seja a escuta de que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo que lhe faltam palavras. Se assim for, serão a outros padrões éticos a que deveríamos responder (...).” Acrescento que talvez não só a outros padrões éticos, mas, também, a outros referenciais que possam nos auxiliar na compreensão da complexidade da condição humana e no "phatos" que a esta condição implica.

## BIBLIOGRAFIA

COSTA, J. F. Bernadet e o Declínio do Homem Privado. In: **Revista do Círculo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, 1994, p. 133-146.

FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as Psicologias**: Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NAJMANOVICH, D. Novos sofrimentos psíquicos? In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: PUC-SP, 1996, v.1-2, n.4.

ROLNIK, S. **A Diferença no Divã**: Uma Perspectiva Ético / Estético / Política em Psicanálise. Mimeo. São Paulo, 1994.

SANTOS, B. **Pela mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. 2ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente**: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000b.